

Os mais velhos como baús de recordações: possibilidades de resgate da memória, ancestralidade e história familiar na literatura dedicada à infância

Older people as chests of memories: possibilities for recovering memory, ancestry and family history in childhood literature

*Renata Toigo**, *Regina Kohlrausch**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)*

Resumo: A literatura infantil configura-se como cenário privilegiado para a expressão dos afetos que integram a relação das crianças com os mais velhos. As obras dedicadas à infância possuem dimensões sociais evidentes e estabelecem relações entre literatura, memória e sociedade. Nesse sentido, este estudo propõe a análise de algumas narrativas dedicadas à infância que referenciam o resgate das memórias de família através do contato dos pequenos com seus avós e bisavós. Os textos selecionados para a análise têm como protagonistas crianças que abrem os “arquivos” e provocam o resgate da memória individual e coletiva, recuperam a ancestralidade familiar e, dessa forma, contribuem para a formação identitária das personagens em questão. Para tanto, utiliza-se como principal base teórica: Halbwachs (2009); Bosi (1994); Candido (2000); Ricoeur (2007); Assmann (2011), entre outros. Com base nessa discussão proposta pelos estudiosos, observa-se como a memória, a história e a ficção se unem nas obras para a infância em um trabalho de rememoração, de reconstituição e de reinvenção da vida e, como as personagens infantis, através do contato com os mais velhos, cumprem com um “dever de memória”, ao ter em suas mãos o papel de manter viva a história coletiva familiar.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Memória. Sociedade.

Abstract: Children's literature is a privileged setting for the expression of affections that integrate the relationship of children with their elders. The works dedicated to childhood have evident social dimension and establish relationships between literature, memory and society. In this sense, this study proposes the analysis of some narratives dedicated to childhood that refer to their sense of family memories through the contact with the little ones with their grandparents and great-grandparents. The selected texts for the analysis have as protagonist children who open the “archives” and bring about their sense of individual and collective memory, recover the family ancestry and, thus, contribute to the identity formation of the characters in question. For this, Halbwachs (2009) is used as them a in the theoretical basis; Bosi (1994); Candido (2000); Ricoeur (2007); Assmann (2011), among others. Based on this discussion proposed by scholars, it is observed how memory, history and fiction come together in works for childhood in a work of remembrance, reconstitution and reinvention of life and, like the children's characters, through contact with their elders, they fulfill a “duty of memory”, having in their hands the role of keeping the collective family history alive.

Keywords: Children's Literature. Memory. Society.

“A vida não é o que cada um vive, mas aquilo que cada um recorda, e a forma de como recorda de modo a poder contá-la.”¹

Gabriel García Márquez

“É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria de novamente lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles.”²

Bartolomeu Campos de Queirós

Introdução: algumas considerações sobre literatura, memória e sociedade

As obras literárias não são mero reflexo da consciência coletiva ou individual, mas a concretização das ações socioculturais tomadas por um grupo social na definição de sua consciência coletiva, em um determinado tempo histórico. Segundo Candido (2000, p. 5-6), só podemos entender o papel social da literatura “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”.

Desse modo, a perspectiva dos fenômenos sociais nos provoca observar a relação entre literatura e sociedade. Essa orientação encaminha compreender a estrutura que rege o texto, e, a partir dele, voltar o olhar para a sociedade, como o leitor pode perceber as marcas sociais, mas sem de fato, deixar de lado o texto. Olhar para a sociedade através da literatura permite observar as visões de mundo que são inerentes a determinados grupos sociais, constituídas pelas vivências históricas desses coletivos e formadas pelas ações individuais. São elas que compõem a prática social dos sujeitos e de seus coletivos. Dessa forma, observar e analisar as visões de mundo transformadas em textos literários, investigando aí as relações entre memória e sociedade, abre possibilidades para estudos dos fenômenos sociais.

Literatura, História, Sociedade e Memória Cultural estão intrinsecamente ligadas. Muito tem se falado sobre o resgate da história e da ancestralidade por meio da literatura, seja em forma de rememorar e celebrar o que passou, seja como forma de denúncia, de lembrar para não esquecer, a fim de que não se repitam os mesmos erros do passado, como, por exemplo, as repressões causadas pelos sistemas ditatoriais.

¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. *O amor nos tempos do cólera*. São Paulo: Record, 2004. (prefácio).

² QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 16.

Pensar as questões da memória, a partir do viés literário, requer voltar aos primórdios da literatura. Dessa forma, encontramos na mitologia grega a figura de Mnesmosyne, a deusa da memória e controladora do tempo, um campo profícuo para entender o papel da memória, seja ela individual ou coletiva. Segundo Torrano (1992), Mnesmosyne era filha de Urano, deus do céu e das estrelas, e de Gaia a deusa da terra. Casada com Zeus, o rei dos deuses, foi mãe de nove musas que protegiam todas as artes e ciências. A deusa da memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado, bem como de lembrá-lo para a coletividade. Além disso, ela tinha o poder de imortalizar artistas e historiadores, pois, ao criarem suas obras, tornavam-se memoráveis e imortais.

A partir da mitologia grega, podemos entender que a memória “tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro.” (ROSSI, 2010, p. 24). Desse modo, é por meio da memória que o ser humano entra em contato com o saber, com sua ancestralidade e resgata sua história. Walter Benjamin destaca que

a memória não é um instrumento para a exploração do passado, é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava. (...) Uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, 2011, p. 239).

E assim, escavando as memórias de leitura, observando as relações entre memória e sociedade, no que diz respeito às relações dos mais velhos com as crianças, resgatamos em nossa memória de leituras obras do universo literário infantil que evidenciam como essas relações provocam marcas afetivas em quem tem o privilégio de usufruir dessas vivências. Nesse sentido, observamos como as marcas sociais da memória, seja ela individual ou coletiva, estão presentes nos textos rememorados e de que forma essas relações contribuem para a formação identitária das crianças e o resgate da ancestralidade.

1 O resgate de algumas leituras da literatura para a infância, suas relações com a memória e com as expressões sociais

O tema da memória está presente na literatura infantil de modo persistente. Além de tratar da memória, a ficção dedicada à infância traz muitos aspectos que servem para validar os pressupostos de diversos teóricos e estudiosos sobre as percepções de literatura, sociedade, história e memória cultural. É importante salientar que os estudos estão centrados na literatura para adultos, mas a literatura infantil abarca essas concepções e provoca profundas reflexões, principalmente quanto às vozes dadas aos velhos, pois confirmam que a função social do idoso é, sobretudo, lembrar e contar histórias. Nas relações estabelecidas entre as personagens (avós e netos), as vidas são compartilhadas por meio das narrativas a partir dos objetos guardados em baús.

Primeiramente, resgatamos *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), escrito por Men Fox, ilustrado por Julie Vivas e editado pela Brinque Book. A obra narra as peripécias de Guilherme e seu caminho para ajudar a sua melhor amiga, Dona Antônia, a recuperar a memória. Mas o que é memória? Segundo o pai de Guilherme, memória “é algo que você se lembre” (FOX, 1995, p. 10). Porém a resposta não satisfaz o menino e ele passa a indagar todos seus amigos moradores de um asilo de velhos, localizado ao lado de sua casa. Para a senhora Silvano que tocava piano, a memória é algo quente; para o senhor Cervantes, que contava histórias arrepiantes, a memória é algo bem antigo; para o senhor Valdemar, que adorava remar, a memória é algo que faz chorar; para a senhora Mandala, que andava com uma bengala, a memória é algo que faz rir; para o senhor Possante, que tinha voz de gigante, a memória é algo que vale ouro. Depois de entender as diferentes perspectivas, Guilherme Augusto começa a procurar as memórias de Dona Antônia, já que ela as havia perdido. Então, encontrou, dentro de uma antiga caixa, conchas guardadas há muito tempo, uma marionete que fazia todo mundo rir, uma medalha que seu avô tinha dado, depois, uma bola de futebol. Por fim, entrou no galinheiro e encontrou um ovo fresquinho. Colocou cada um desses elementos em uma cesta e os levou para Dona Antônia.

É a partir desses objetos afetivos para Guilherme, resgatados em um baú, que Dona Antônia recupera a memória: “encostou uma das conchas no ouvido e lembrou da vez que tinha ido à praia do bonde, há muito tempo, e como sentira calor com suas botas de amarrar.” (FOX, 1995, p. 26). Depois “pegou a medalha e lembrou, com tristeza, de seu irmão mais velho, que havia ido para a guerra e nunca mais voltou.” (FOX, 1995, p. 28). E assim, cada objeto afetivo, colocado por Guilherme na cesta, provoca o resgate das memórias de Dona Antônia: “E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim.” (FOX, 1995, p. 28).

Ao observar a relação memória-esquecimento de Dona Antônia, recorremos a Ricoeur (2007), que explica que o esquecimento é deplorado, bem como o envelhecimento é a morte, posto que ao esquecimento é atribuído o apagamento dos rastros, tornando-se, assim, temido e visto como uma ameaça à memória. Nesse sentido, podemos perceber o personagem Guilherme travando uma luta contra o esquecimento de Dona Antônia, ele vai à caça das lembranças. Ricoeur (2007) enfatiza que mesmo o esquecimento carregando essa noção negativa, sua relação com a memória é fundamental, sendo ele elemento básico para o seu funcionamento.

Sobre a amnésia patológica de Dona Antônia, buscamos apoio em Halbwachs (2009). Para ele, “nem sempre encontramos lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós.” (HALBWACHS, 2009, p. 53). O pesquisador afirma que o resgate de lembranças e o reconhecimento pode se dar por imagens ou objetos, pois formam uma espécie de quadro. É a partir das relações com os objetos que podemos reencontrar as ligações com os pensamentos ou sentimentos:

Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende de nossa vontade, é porque nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que as fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato. (HALBWACHS, 2009, p. 59).

Com base na tese de Halbwachs, Ecléa Bosi na obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, expõe que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam.” (BOSI, 1999, p. 17). Assim, lembrar não é reviver, mas reconstruir através das imagens as experiências do passado.

Na mesma linha de pensamento, Eurídice Figueiredo (2017) revela que temos esquecimento de duas ordens: o individual e o coletivo. Segundo ela, “o esquecimento individual se dá quando uma pessoa, após um trauma, recalca o vivido que provocou o sofrimento, jogando-o no porão do inconsciente.” (FIGUEIREDO, 2017, p. 28). Por conseguinte, para haver cura, é preciso relembra, reviver o trauma. É dessa forma que Dona Antônia recupera a memória. Ela revive o trauma através dos objetos que não lhe pertenciam, mas que, ao serem apresentados pelo menino, trazem a sensação de familiaridade, evocam lembranças do passado e permitem (re)encontrar a memória perdida, ou seja, as imagens/objetos como fios condutores da recuperação da memória.

A narrativa escrita por Men Fox oportuniza a busca de outras obras infantis que abrem seus baús, e, através das lembranças dos mais velhos, presenciamos o resgate de memórias que despertam a ancestralidade e as histórias de família.

Nesse sentido, encontramos na obra *Álbum de família* (2005), de Lino de Albergaria, ilustrado por Ana Maria Moura e lançado pela SM Editora, uma profícua narrativa onde a recuperação do passado é provocada através da curiosidade da personagem Manuela. Primeiro chegou para morar na casa de Manuela a bisavó materna e, depois de alguns meses, o bisavô paterno. Para a menina foi uma grande descoberta. Mergulhou em afetos, histórias e afinidades que não conhecia. Ao longo da convivência, a menina presenciou, com alguma indignação, as dificuldades de seus pais em conviver com os avós. Durante esse período, além da oportunidade de conhecer e aprender muito sobre seus ancestrais, Manuela pôde ver como os bisavós enfrentaram com sabedoria e disposição a adaptação a uma nova vida, tão distinta daquela vivida até então. É por meio desse contato que Manuela vai conhecendo outras formas de viver e reconstruindo, sem se dar conta, a história de seus pais, avós, bisavós, ou seja, de sua família. Essa convivência, agora diária, e o mergulho nos baús cheios de objetos e fotografias, fazem a menina descobrir afetos, vivências e formas de encarar a vida, que até então não faziam parte de seu repertório.

Esses baús de onde saem muitas recordações, nos remetem à expressão benjaminiana “bem-aventurado o colecionador” (BENJAMIN, 2011, p. 235). Para trazer à luz o passado, saem dessas caixas antigas muitas fotografias, chapéus de época, objetos carregados de histórias. O desejo de guardar e colecionar está relacionado com as lembranças afetivas de cada objeto, “de fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças.” (BENJAMIN, 2011, p. 228). Os objetos em si contam suas histórias, especialmente quando guardados por alguma lembrança afetiva. Trazem a memória imbuída na confluência dos tempos, do passado que já se foi, da representação no presente, e do futuro que está por vir, carregado da ancestralidade.

Nesse caminho de abrir baús e recordar o passado, lembramos também de *Bisa Bia, Bisa Bel*³, de Ana Maria Machado, ilustrado por Regina Yolanda, lançado em 1981. Nessa narrativa, o tema da memória é posto em questão pelo confronto de várias gerações de

³*Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado foi escrito em 1981, ganhou o Prêmio Maioridade Crefisul, (Originais Inéditos). No ano seguinte recebeu o Prêmio de Melhor Livro Infantil do Ano, Associação Paulista de Críticos de Arte; o Selo de Ouro pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Melhor livro juvenil do ano) e esteve na Lista de Honra da IBBY. Em 1983 recebeu o Prêmio Jabuti, pela Câmara Brasileira do Livro; em 1984 o Prêmio Noroeste pela Bienal de São Paulo (Melhor Livro Infantil do Biênio); em 1996 figurou na lista dos 40 Livros Essenciais pela Nova Escola e, em 2003, recebeu o Prêmio Américas de Literatura Infantil e Juvenil, Consórcio de Programas de Estudos Latino-Americanos (CLASP). A obra ficou conhecida mundialmente e hoje se estima cerca de 500.000 exemplares vendidos, chegando a ser considerado um dos dez mais importantes livros infantis do Brasil.

mulheres da mesma família. Nesses diálogos se entrelaçam presente, passado e futuro através dos modelos de comportamentos adequados para cada época, principalmente no que se referia às mulheres. Na fantasia da personagem Isabel, que representa o presente, ecoam através de uma fotografia em sépia, resgatada dentro de uma caixa antiga, as vozes da bisavó já morta, bem como as vozes de sua bisneta, que ainda não nasceu, representando, dessa maneira, o futuro. Essas vozes imagéticas se confrontam e, nesse confronto, Isabel se depara com as memórias de sua família e a recuperação de sua ancestralidade, construindo e reafirmando a sua identidade.

Além de todo esse encontro com o passado, através da fotografia em sépia localizada por Isabel em um baú, a obra traz também, como pano de fundo, as diferenças ideológicas marcadas pelas diversas concepções do papel feminino ao longo do tempo. A postura da mulher é questionada pelas vozes que ecoam em Isabel como, por exemplo, a bisavó desaprovando suas vestimentas e comportamentos. Tais vozes, que representam as concepções de cada época, ao marcar o conflito entre gerações, vão provocando um processo de (re)construção identitária e amadurecimento das emoções.

Outra memória afetiva dos laços com os mais velhos vem com Cora Coralina, com o poema “O prato azul-pombinho”. Lançado inicialmente na coletânea *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965)⁴, secundariamente foi editado para o público infantil, com ilustrações de Lúcia Hiratsuka, em 2001. Nos versos, mescla-se a lenda da princesa Lili contada pela bisavó de Cora, a partir dos desenhos do fundo do prato. A memória da bisavó vem à tona através desse prato de cor azul-pombinho, o último remanescente, sobrevivente de uma coleção de um aparelho antigo de 92 peças. Um dia, o prato apareceu quebrado. Cora menina é considerada culpada e assume a punição de levar no pescoço, amarrado em um cordão, um caco do prato quebrado. Os desenhos trazem uma longa história de uma princesa chinesa e suas transgressões para a época. Essas lembranças são misturadas às lembranças de infância da bisavó.

Toda poética de Cora Coralina é calcada na memória, cujos ingredientes foram recolhidos a partir dos cacos do prato azul-pombinho. Em torno do referido objeto circulam muitas estórias outras, de modo que acontece a reconstrução do passado familiar da própria Cora. Dessa forma, recordar é a trilha lírica da memória por onde transitam as imagens do passado imbricadas com as lembranças do presente, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido.” (BENJAMIN, 1985, p. 37). Nesse sentido, em *O prato azul-pombinho*, a memória é a referencialidade do vivido.

⁴*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* foi relançado pela editora da Universidade de Goiás em homenagem aos setenta anos de contribuição de Cora Coralina à vida cultural regional. Os versos que compõem a coletânea estão impregnados das vivências interioranas da região de Goiás.

2 A proximidade entre avós e netos: escavando os baús

É escavando nos baús que as personagens, das obras literárias supracitadas, exploram o passado. Dessa forma, a recuperação do passado através das memórias, remete ao conceito de escavação proposto por Walter Benjamin (2011):

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (BENJAMIN, 2011, p. 239).

O passado é investigado a partir de fotografias e de objetos encontrados nas antigas caixas. Mas o que são essas caixas se não arquivos? Para Aleida Assmann (2011), o arquivo é “um armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções: conservação, seleção e acessibilidade.” (ASSMANN, 2011, p. 368). O arquivamento é um gesto de separar, reunir, coletar, para que alguém possa lê-lo. Assim, o arquivo aparece como um lugar físico que abriga o rastro documental, não é apenas o lugar físico, espacial, mas é também um lugar social.

Leonor Arfuch (2008) afirma que os arquivos abarcam os ritos de não esquecimento, de rememoração, de recuperação e de inventário. Muito além de guardar a memória, ordenar, hierarquizar os conteúdos do passado, a estrutura dos arquivos impõe forma e sentido aos conteúdos. Para as duas estudiosas, os arquivos são também locais para lacunas de informação, por isso, faz-se necessário considerar o seu caráter de incompletude, pois são uma seleção do que queremos guardar. É importante entender qual memória queremos preservar, em nome de quem e para qual fim. Nesse sentido, esses objetos armazenados em baús trazem uma espécie de semente de rememoração que consiste em uma “massa de lembranças”, como pontua Halbwichs (2009).

Corroborando a ideia das estudiosas acima, o historiador francês Philippe Artières, no texto “Arquivar a própria vida”, destaca que arquivamos “para responder a uma injunção social” (ARTIÈRES, 1998, p. 10), e, para isso, devemos manter a vida organizada. Esses papéis, fotografias e objetos que guardamos são nossa identidade. Mas é certo que não guardamos tudo, a existência é manipulada, selecionamos, omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos e descartamos o que não interessa mais. “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (ARTIÈRES,

1998, p. 11). O estudioso propõe explorar os três aspectos dos arquivos do eu: a injunção social; a prática de arquivamento e a intenção autobiográfica. Pondera ainda o dever de arquivar a própria vida como fonte de memória para ter identidade reconhecida, para testemunhar acontecimentos e para imortalizar a experiência. Devemos manter os arquivos como fonte de memória, uma vez que não guardamos tudo em nossa mente.

Essas concepções de arquivo são fundamentais para entender o papel que os baús representam nas histórias para a infância aqui mencionadas. Não só para as narrativas em si, mas principalmente para a descoberta do “eu” das crianças em formação de personalidade, de constituição identitária, de resgate da ancestralidade e da história familiar.

Outro conceito que pode ser aplicado, ao investigar esse campo fecundo da memória, é o conceito de museu. Esses baús nada mais são que pequenos museus, porque trazem a representação definitiva do passado coletivo e familiar. O desejo de reunir o passado, colecionar lembranças, expor os testemunhos materiais e os objetos de cunho sentimental e cultural estão na origem do surgimento dos museus. Logo, esses objetos como as fotografias e as cartas, podem ser chamados de ruínas, enquanto testemunhos que transmitem a história familiar e a tornam lembrada “as ruínas permanecem como sustento e garantia da memória.” (ASSMANN, 2011, p. 334). É importante sinalizar, conforme Figueiredo (2017, p. 27), que “o arquivo não se confunde com a memória, pelo contrário, ele existe no lugar da memória.” Por conseguinte, todo o material, que compõe os baús dos avós das personagens, conforma a preservação da memória coletiva.

De acordo com Bosi (1994), o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. No caso de Guilherme, de Cora Coralina, de Isabel e de Manuela, essa consciência, nas formas de imagens-lembranças, é construída por meio das estórias outras contadas pelos mais velhos, “pois entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BOSI, 1994, p. 198). Esses narradores anônimos são os mais velhos, os avós, bisavós das personagens e todos os velhos que moravam no asilo ao lado da casa de Guilherme. Nesse sentido, o velho

[...] ao lembrar do passado ele não está descasando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. [...] Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto. (BOSI, 1994, p. 23).

A pesquisadora enfatiza que na velhice, “quando já não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer.” (BOSI,

1994, p. 398). É por isso que os avós tendem a superestimar os fazeres do passado e encontram nos netos o poder da escuta. Aquilo que viveram e conheceram bem é passado à outra geração como um bem de valor.

As crianças, nesse contato com os mais velhos, recebem não só a proximidade com o progresso, mas mergulham nas raízes das histórias familiares. Halbwachs (2009) diz que a criança, em contato com seus avós e através deles, remonta a um passado ainda mais remoto: “Os avós se aproximam das crianças, talvez porque, por diferentes razões, uns e outros se desinteressam pelos acontecimentos em que se prende a atenção dos pais.” (HALBWACHS, 2009, p. 84). Logo, é pelos avós que as crianças recebem um legado de costumes e recuperam sua ancestralidade. Na narrativa *Álbum de família*, esse desinteresse pelos mais velhos é evidenciado nos conflitos dos pais de Manuela com os mais velhos, a menina não entende por que seus pais tinham essa relação tão conturbada, conformando o que enfatiza Halbwachs acerca das marcas que os mais velhos deixam:

Nossos pais caminhavam à nossa frente e nos guiavam para o futuro. Chega um momento em que eles se detêm e nós passamos à frente. Agora temos que nos voltar para eles e nos parece que no presente foram tomados pelo passado e se confundem agora entre as coisas de antigamente. (HALBWACHS, 2009, p. 89).

Nessa perspectiva, nossos pais e nossos avós representam duas épocas distintas e separadas: presente e passado. Conforme a idade, “nos espantamos sobretudo com as diferenças e semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem.” (HALBWACHS, 2009, p. 90). É nesse passado vivido pelo contato com os mais velhos, que as crianças, no futuro, apoiarão sua memória. As lembranças como reconstrução do passado. Enquanto os pais se dedicam às atividades da vida adulta, as crianças recebem o legado familiar através dos avós. Mas aos avós não cabe a tarefa definida da educação do neto: “o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras.” (BOSI, 1994, p. 32).

As histórias para a infância aqui registradas trazem a presença dos mais velhos que resgatam do “baú” a sua própria história e também as que ouviram contar. “Para evocar seu passado, precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referências que existem, fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWACHS, 2009, p. 72). Essa evocação fica bem-marcada na narrativa de *Bisa Bia, Bisa Bel*. Para ter acesso ao passado, Isabel recorre às testemunhas, entre elas, a professora, a mãe e a vizinha, a fim de reforçar o que de algum modo já sabia, já que o contato com a bisavó é apenas no campo do imaginário. Essa essência de vozes coletivas, a interior, que é pessoal e autobiográfica, se junta à exterior, que é social e histórica e assim as duas vozes se fundem na reconstrução do passado. A

memória coletiva implicando na memória individual de Dona Antônia, de Manuela, de Isabel e da própria Cora Coralina.

Em todas as histórias supracitadas e analisadas temos as personagens infantis tecendo o papel do resgate das memórias. As crianças trazem a curiosidade de forma natural, e, para os avós e bisavós que estão de alguma forma deixados de lado, fazem um grande exercício memorialístico ao remexer nos arquivos do passado. Trazem, por um lado, lembranças quentes que fazem cócegas na imaginação e provocam o riso, e, por outro, o que vem à lembrança são memórias tristes que fazem chorar, mas as memórias são sempre algo que vale ouro, como bem lembram os personagens de *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*.

A memória também é uma construção social e cultural e nas narrativas aqui referidas, o passado ganha significados importantes. Em *Bisa Bia, Bisa Bel*, a mãe de Isabel ao remexer as fotografias, relembra sua infância; em *Álbum de Família*, Manuela tem contato com o passado dos avós em um tempo diferente do agora, o resgate da história da cidade imperial do Rio de Janeiro, capital do Brasil, dos tempos dos bondes; Cora Coralina através de *O prato azul-pombinho* mantém na memória as histórias contadas pela bisavó; em *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, o menino, ao apresentar objetos, oportuniza que Dona Antônia recupere a memória. Sucessivas imagens ou objetos ganham espaço/tempo na afetividade das crianças.

Henri Bergson (1999, p. 21) destaca que “só apreendemos coisas sob forma de imagens, é em função das imagens, e somente das imagens, que devemos colocar o problema”. Para o estudioso “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada.” (BERGSON, 1999, p. 30). Reafirmando a hipótese de Bergson sobre as imagens, Bosi (1994, p. 360) destaca que “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. (...) cada um desses objetos representam uma experiência vivida.”

3 Algumas considerações: recuperando o fio da memória

Por conseguinte, as narrativas aqui estudadas, no que diz respeito às relações entre literatura e sociedade, especificamente quanto à questão da memória, abriram diferentes possibilidades de leitura: a transcrição direta das manifestações de memória presentes nas narrativas; a presença dos mais velhos como fonte de memória coletiva; a questão da imagem como fio condutor de recuperação de memória, seja ela individual ou familiar/coletiva; bem como, a ideia de arquivar a própria vida, o arquivo como fonte de memória.

Nas quatro obras, a memória está explícita de forma direta: em primeiro lugar com a narrativa de Men Fox que tenta dar conta do conceito de memória, entendendo que ela traz diferentes sensações para diferentes de pessoas; em segundo lugar, Lino de Albergaria nos apresenta com a real convivência entre as crianças e os mais velhos, através de Manuela e seus bisavós; em terceiro, com Isabel em *Bisa Bia, Bisa Bel*, ao se deparar com a fotografia da bisavó e se identificar nela transcende imgeticamente o tempo para conectar com as memórias do passado; para completar, com Cora Coralina, a narrativa poética traz as memórias de sua infância e nos faz perceber o quanto um simples objeto carrega toda uma história familiar.

O encontro da criança com o idoso proporciona, portanto, o surgimento da memória: o idoso lembra e aconselha, unindo o início ao fim por meio da memória, que nesse estágio de sua vida, por mais que já tenha contribuído socialmente, quer continuar com vistas a colaborar partindo de suas experiências vividas. Nesse sentido, as diversas lembranças trazidas nas obras infantis analisadas são a sobrevivência do passado, o passado concentrado no presente criando um processo contínuo de manutenção da memória afetiva, individual e coletiva.

As imagens são os fios condutores de recuperação e resgate de memórias: uma medalha, uma fotografia em sépia, um chapéu de época, um prato azul-pombinho. Cada um desses objetos representa, reiterando Bergson (1994), uma experiência vivida por quem as guardou. Essa experiência é rememorada através da presença da imagem/objeto e passada pelas gerações no contato entre avós e netos. Todos esses objetos guardados em baús ou caixas conformam também a noção de arquivo. Ao guardar objetos afetivos estamos arquivando a própria vida, pois por trás de cada objeto, há uma história a ser contada, rememorada e arquivada. Ou seja, cada uma das obras infantis aproximam as personagens crianças das memórias individuais do passado dos mais velhos e se transformam em memória coletiva, pois dizem respeito a história familiar.

As obras escolhidas para este estudo também nos provocam a pensar no sistema vivo que é a literatura, de como ela age sobre os leitores na medida em que estes a vivem, a decifram, a aceitam, e a deformam. À vista disso, podemos entender, e concordamos com Candido (2000, p. 68) que “a obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente seu efeito.” Dessa forma, são os efeitos supracitados que foram decifrados em nossa leitura e poderiam ser distintos nas leituras de outros leitores.

Outras obras literárias dedicadas à infância poderiam fazer parte desta abordagem sobre os mais velhos como baús de memórias, mas recuperamos as leituras afetivas de nossas memórias de leitura. As obras dedicadas a essa temática, em sua grande maioria, fazem o leitor perceber que todos têm uma história de vida e não há como não ter.

Ao ler essas histórias, o leitor poderá refletir sobre a sua trajetória e tornar-se mais consciente dela. Uma oportunidade de apropriar-se, ainda mais, do que lhe pertence: a história de cada um, a sua identidade que não é uma essência, não é um dado ou fato, mas uma construção, um processo de relação ancestral, constituindo, assim, a história coletiva de cada família.

Referências

- ALBERGARIA, Lino. *Álbum de família*. São Paulo: Editora SM, 2005.
- ARFUCH, Leonor. Arte, Memoria y Archivo. In: ARFUCH, Leonor. *Crítica Cultural entre política Y poética*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2008. p. 75-89.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro, v. 11, n.2 1, p. 9-34, 1998.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: UNICAMP, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1980.
- CORALINA, Cora. *O prato azul-pombinho*. São Paulo: Global, 2001.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FOX, Men. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. São Paulo: Brinque Book, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.

TORRANO, Jaa. Estudo e tradução. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Unesp, 2010.

RENATA TOIGO

Doutoranda e Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na área de Teoria da Literatura. Especialista em Literatura Brasileira e Graduada em Letras pela mesma universidade. Atualmente, desenvolve pesquisa nas áreas da Literatura, História e Memória com ênfase na Literatura para a Infância e formação de leitores.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5521015556860353>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3158-3021>

E-mail: renata.toigo@edu.pucrs.br

REGINA KOHLRAUSCH

Graduação em Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutoramento na Universidade de Vigo, Espanha, com bolsa CAPES/Fundación Carolina em 2011. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3060504052514599>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1410-7429>

E-mail: regina.kohlrausch@pucrs.br